



ÁREA TEMÁTICA: Arte, Cultura e Comunicação

Públicos e práticas numa biblioteca da Rede Pública: selectividade e segmentações

RODRIGUES, Eduardo Alexandre

Doutorando em Sociologia

CIES-ISCTE

eduardo.rodriques@iscte.pt

Resumo

Esta comunicação apresenta uma proposta de interpretação sociológica dos públicos de uma biblioteca municipal pertencente à Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP). Nela, procura-se enquadrar os resultados obtidos durante a pesquisa e algumas interpretações por eles suscitadas no plano articulado da sociologia da cultura e da sociologia das classes sociais, particularmente em algumas abordagens recentes dos chamados públicos da cultura. As análises realizadas ajudam também a ilustrar como se processa a concretização dos parâmetros básicos de funcionamento das bibliotecas públicas portuguesas, nomeadamente no respeitante aos resultados dessa concretização tal como eles são captáveis ao nível da composição social dos públicos e das modalidades de utilização postas em prática. É dada atenção analítica especial à diversidade de modos de relação que se estabelecem entre os indivíduos e a biblioteca.

Palavras-chave: Públicos da cultura, bibliotecas públicas, classes sociais





1. Introdução

Procura-se neste trabalho, recorrendo a um estudo de caso, compreender *as relações estabelecidas entre os indivíduos e a biblioteca*, a partir da hipótese genérica de partida de que essas relações são de duplo sentido, complexas e negociadas entre os vários agentes em presença. Tenta-se, naturalmente dentro dos limites de um determinado campo de pertinência analítica, elaborar algumas interpretações sociológicas suscitadas pela identificação dos públicos de uma biblioteca municipal específica, com a ajuda de um modelo de análise com várias dimensões que articula estruturas, disposições, contextos e práticas e de uma investigação empírica prosseguida através da mobilização de um conjunto variado de métodos e técnicas de recolha de informação¹.

A exploração analítica levada a cabo ajudará também a ilustrar como se processa, num contexto específico, a operacionalização das premissas básicas de funcionamento das bibliotecas públicas portuguesas, nomeadamente no respeitante aos resultados dessa concretização tal como eles são captáveis ao nível da composição social dos utilizadores e das modalidades de utilização postas em prática².

2. Uma proposta interpretativa da biblioteca e dos seus públicos

Podem formular-se assim os questionamentos básicos que guiam a investigação:

- Quais são as características sociodemográficas, socioeducacionais e socioprofissionais dos utilizadores da biblioteca? Que perfis sociais e segmentações se reconhecem? (Quem utiliza a biblioteca?)
- Que práticas são identificáveis em termos de frequência do equipamento? E no que diz respeito à apropriação dos seus espaços, serviços, colecções e suportes de informação? De igual maneira, que perfis de utilização e fraccionamentos se podem surpreender? (Como é utilizada a biblioteca?)
- Como se reportam as práticas de utilização, por intermédio dos sistemas de disposições incorporados pelos agentes, às características sociais? (Quem utiliza o quê e como na biblioteca?)
- Que representações e valorações simbólicas constroem os indivíduos a propósito da biblioteca?

Estas questões podem ser vistas como os fundamentos dos vários eixos de problematização cujo entrecruzamento constitui o modelo analítico adoptado (**Figura 1**). Esse quadro interpretativo procura operacionalizar as discussões teóricas em torno dos públicos da cultura, adaptando-as à realidade específica de uma biblioteca da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas (RNBP); estrutura-se em torno de dois eixos e três níveis analíticos que procuram articular estruturas, disposições, contextos e práticas.

Retomando as propostas de Bourdieu (1979, 1998, 2002) acerca das articulações entre posições, disposições e tomadas de posição, no primeiro eixo analítico são identificadas as coordenadas dos indivíduos no espaço social, pela consideração dos seus capitais económicos e escolares, e constroem-se conjuntos de categorias sociodemográficas, socioprofissionais e socioeducacionais que traduzem essas posições. O volume e estrutura dos recursos de que os indivíduos dispõem, reportáveis à origem familiar, à posição actual e à trajectória biográfica, são determinantes na definição das suas condições sociais de existência, nas experiências que vivem e nas socializações que sofrem, o que resulta na incorporação *provável* de formas de pensar e maneiras de agir constitutivas de sistemas de disposições estruturados. As práticas culturais dos indivíduos aparecem assim *tendencialmente* associadas a esses *habitus*. Procura-se, neste eixo de questionamento interpretativo, medir *pertenças objectivas* e *disposições prováveis*, sem postular a existência de relações directas entre estruturas e práticas nem a existência de *habitus* unificados e coerentes (Lahire, 2002, 2003, 2004).

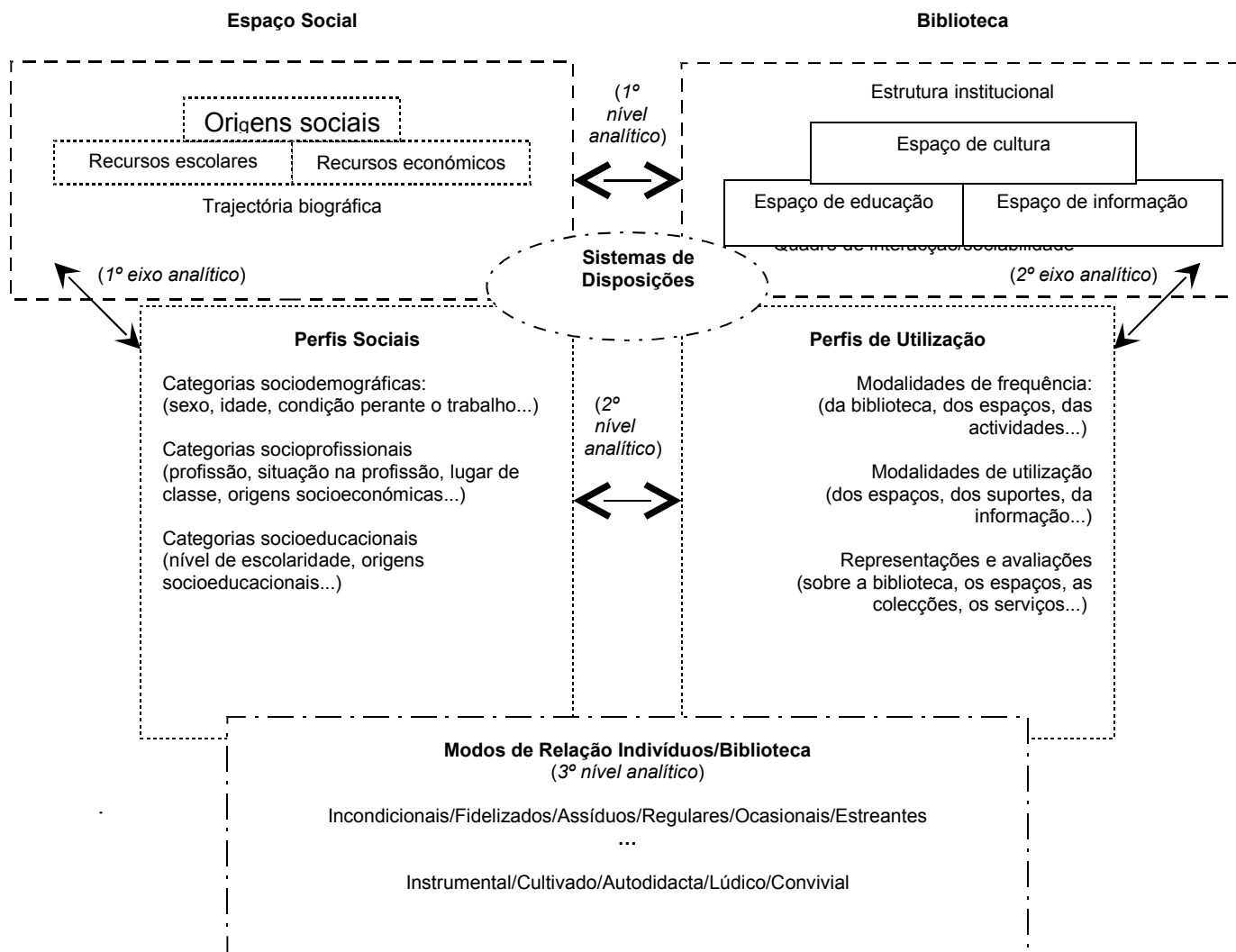


Figura 1 Modelo analítico

O que a identificação de um conjunto de características sociais estruturantes das subjectividades permite é, por um lado, dar uma imagem abrangente dos frequentadores da biblioteca, permitindo aferir probabilidades diferenciais de acesso a partir de uma perspetiva comparativa com os dados conhecidos para populações de referência; por outro lado, a construção analítica de categorias é uma ferramenta heurística útil para averiguar dos graus de homogeneidade/selectividade e de diversidade/segmentação dos públicos (Gomes et al., 2000: 43-71; Santos, 2001: 25-81; Santos, 2002: 71-99). Nesta linha, assume particular importância a análise dos utilizadores da biblioteca a partir de uma perspectiva sociológica informada pela problemática das classes sociais: tal como é aqui encarada, essa problemática permite considerar as práticas e representações dos indivíduos relativamente à biblioteca em face de um feixe articulado de pertenças e atributos sociais -- origem social, condição perante o trabalho, profissão, nível de escolaridade, etc. -- que descodificam algumas coordenadas fundamentais para situar os agentes no espaço social e, concomitantemente, no espaço das práticas culturais (Machado e Costa, 1998; Costa, 1999; Machado, 2002). O equacionar de perfis sociais dos públicos -- que a conjugação das variadas origens e pertenças de classe e de "variáveis secundárias" (Bourdieu, 1979) como a idade (definindo categorias etárias), o sexo e o



local de residência, permite construir --, não constituindo a única aproximação possível à explicação das práticas de frequência, utilização e avaliação da biblioteca, assume, certamente, um lugar importante.

Refira-se que qualquer abordagem mais minuciosa ou intensiva dos públicos da cultura em geral, e das bibliotecas em particular, tem que partir do conhecimento prévio das estruturas objectivas que subjazem à complexidade dos comportamentos e representações. Análises posteriores poderão complexificar os parâmetros interpretativos adoptados neste trabalho, através, por exemplo, de uma exploração mais circunstanciada dos hábitos culturais dos indivíduos que permita enquadrar as suas relações com a biblioteca num quadro complexo de práticas: leitura doméstica de livros, jornais e revistas, visionamento doméstico de televisão, audição doméstica de música, frequência de concertos, cinemas e museus, outras saídas culturais, etc.

O segundo eixo analítico convoca as conceptualizações em torno da especificidade da biblioteca pública como estrutura institucional e como contexto de interacção/sociabilidade, à qual subjaz um conjunto de características de esfera pública (Ventura, 2002). As práticas de frequência e utilização do equipamento são neste quadro reportadas aos modos específicos de estruturação do contexto que as sustenta e que podem ser apercebidos em termos morfológicos, relacionais e simbólicos; a biblioteca é considerada como quadro de interacção específico (Costa, 1984, 1999). Assim, são conceptualmente considerados três sub-espços da biblioteca, articulados entre si mas destrincháveis para efeitos de análise, que organizam os seus modelos de funcionamento e os serviços oferecidos, e a partir dos quais se podem traçar modalidades variáveis de apropriação: educacional, informacional e cultural. As relações que os indivíduos estabelecem com cada um destes espaços, utilizando os palcos físicos, as colecções, os suportes e a informação que os constituem, concretizam-se através de vários parâmetros de modulação. Falo, nomeadamente, da concretização institucional concreta das missões e objectivos programáticos de democratização assumidos pela biblioteca na sua natureza de esfera pública contemporânea (que privilegia a abertura e a acessibilidade, a universalidade e o pluralismo, a neutralidade e a imparcialidade), e das suas características como quadro de interacção. Semelhante entendimento permite identificar os diversos consumos e utilizações que os indivíduos levam a cabo no espaço global da biblioteca ajudando à sua tipificação; fica assim mais fácil compreender as relações que se estabelecem entre as acções e representações e a contextura onde elas acontecem, na medida em que esses termos se determinam mutuamente: ao mesmo tempo que a biblioteca como contexto estruturado configura um espaço (físico, relacional e simbólico) de possíveis, assim os indivíduos dela se apropriam segundo disposições de comportamento que se articulam de maneira diversa com os espaços, os funcionários, os outros utilizadores, os suportes, a informação. As relações assim estabelecidas entre as pessoas e a biblioteca têm também que ser compreendidas a partir dos sentidos que lhes são atribuídos pelos agentes e que se traduzem em modalidades e práticas de frequência e utilização; esses sentidos devem parte importante da sua constituição àquilo que os vários sub-espços estruturados potenciam (possibilitando) e desincentivam (excluindo).

3. Perfis sociais dos públicos: selectividade e segmentação

Os perfis sociais dos públicos da BMJS podem ser descritos a partir de uma multiplicidade de variáveis de caracterização sociodemográfica, socioprofissional e socioeducacional. A consideração desses elementos de composição social assume, num certo sentido, precedência lógica sobre a descrição dos modos de utilização da biblioteca, na medida em que as origens, as inserções, os capitais e as trajectórias dos indivíduos têm uma influência combinada estruturante sobre as suas disposições, representações e práticas: compreender as acções implica, antes de mais, identificar as suas condições sociais de possibilidade. A compreensão dos processos pelos quais os sistemas de disposições são activados (ou não) em determinado contexto -- neste caso, na biblioteca -- não pode elidir o mapeamento prévio das coordenadas genéricas de incorporação desses *habitus*, coordenadas que podem ser objectivamente descritas através da construção do espaço social onde os utilizadores se inscrevem e da consideração das



suas origens e trajetórias biográficas. É por isso que as práticas se definem, como refere Bernard Lahire, na equação entre a “presença do passado e o presente da acção” (2003: 59-62).

Trata-se aqui, no fundo, de começar a construir uma análise das variações sociais. Afinal, antes de avançar na identificação de modalidades de frequência e utilização e de representações e avaliações e suas distribuições diferenciais pelos vários grupos, conceptualmente recortados, de indivíduos, é preciso destacar uma variação fundamental, ou seja, antes de perceber *quem utiliza o quê na biblioteca*, é fundamental saber *quem acede à biblioteca*.

É preciso dizer também que qualquer fotografia dos públicos da BMJS como a que foi tirada no decorrer da investigação, reportando-se a um momento específico no funcionamento da instituição não pode fazer esquecer que, na realidade, a sua constituição é *dinâmica* e as suas fronteiras porosas, quer dizer, esses públicos estão sempre *em fluxo*.

Em termos de evolução do número de frequentadores de equipamentos culturais em Portugal, no período 1991-2000, as bibliotecas surgem como aqueles em que a utilização mais cresceu, destacando-se claramente face ao cinema, aos teatros e aos museus (Santos, 2002: 58-59). Este factor não pode deixar de ser relacionado com a sedimentação, ao longo do período considerado, da RNBP. Apesar disso, a frequência de bibliotecas é comum a apenas 15% da população portuguesa (Santos, op. cit.: 62), apenas acima das idas ao teatro (10%) ou a espectáculos de dança (7%), das práticas amadoras de expressão artística (5%) e das idas a concertos de música erudita/clássica. Surge por isso associada a um conjunto de práticas de saída cultural particularmente marcadas por princípios de selectividade, rarefacção e distinção simbólica.

Ora, o conjunto de características dos indivíduos que frequentam a BMJS pode ser lido em função de um eixo interpretativo desenhado entre a selectividade e a diversidade. Isto significa que enquanto alguns dos indicadores utilizados para medir a composição social dos públicos apontam para o elevado poder discriminante de certos atributos na determinação das probabilidades de frequência da biblioteca -- e, portanto, para alguma homogeneidade global --, outros, ou melhor, a análise integrada de outros indicadores, mostra que esses públicos são atravessados por múltiplas linhas de segmentação, revelando características de alargamento e heterogeneidade.

Como traços fortes denunciadores da selectividade social devem destacar-se *a juventude, a condição estudantil, a elevada qualificação profissional e a forte escolarização* dos públicos da biblioteca. Eles estão, obviamente, interrelacionados, e mostram que a BMJS é frequentada, principalmente e simplificando muito, por indivíduos jovens, mais do sexo feminino do que do masculino, geralmente a frequentarem a universidade ou o ensino secundário mas também já integrados em lugares científicos e técnicos do mercado de trabalho que requerem altas qualificações escolares. Este retrato rápido é aquele que outros estudos sociológicos sobre as bibliotecas e também sobre outros públicos da cultura têm veiculado, e nele surge representado, de facto, o perfil mais comum dos utilizadores da RNBP.

Mas uma dilucidação sociológica da composição social dos públicos não se pode ficar por aqui, e torna-se imperioso destacar as diversas segmentações internas não apenas do(s) público(s) da BMJS em termos globais, como também do perfil que entre eles é maioritário, sob pena de ser aferido de forma apressada o seu grau de homogeneidade.

Essa análise da diversidade revelou a importância de outros perfis, sendo conspícua, na BMJS (como em muitas outras bibliotecas municipais), a presença de famílias, de reformados e de jovens economicamente carenciados, por exemplo, todos eles parte integrante e saliente do quotidiano da biblioteca, apropriando-se dela, interagindo, compondo as heteróclitas paisagens sociais e visuais do equipamento. A visibilidade marcada dos jovens estudantes não invalida as características híbridas e socialmente variegadas da biblioteca, até porque esse grupo é ele próprio internamente diferenciado (em termos de níveis de ensino frequentados, relações estabelecidas com a esfera laboral e origens de classe, por exemplo).



Particularmente a análise de classes, realizada em articulação com outros indicadores, permitiu a identificação de um *duplo padrão de recrutamento social* (Machado et al., 2003) -- que se traduz na presença simultânea na biblioteca de indivíduos oriundos quer de classes mais privilegiadas, quer das mais desprovidas de recursos --, e ajudou a trazer à luz a diversidade de composições, posições, capitais, disposições, trajectos e estratégias que os utilizadores da biblioteca transportam para dentro dela e que são determinantes dos diálogos aí estabelecidos com as esferas da informação, da educação e da cultura. No seguimento dessa constatação, avança-se a hipótese de que a biblioteca serve, para uma porção muito apreciável dos seus utilizadores, como efectivo *ponto de acesso a formas objectivadas de capital cultural*, embora as estratégias de aproximação a esses recursos (de aquisição, de reprodução ou de reconversão, por exemplo) variem em função dos capitais de partida.

A análise de classes levou também à identificação da relação privilegiada que alguns dos protagonistas actuais da sociedade portuguesa têm com a biblioteca. De facto, segmentos da população como sejam as profissões do sector terciário, os profissionais técnicos e de enquadramento, os jovens estudantes em geral ou os estudantes universitários em particular destacam-se entre os públicos. Perante isso, pode avançar-se outra hipótese: é em grande parte devido ao papel *intermediário* da biblioteca relativamente a determinadas dinâmicas e fluxos globais de conhecimento, informação e cultura estruturantes das sociedades contemporâneas, *localizando-os*, que ela exerce atracção particular sobre, precisamente, os protagonistas nacionais desses fenómenos.

A apreciação sociológica dos protagonismos e padrões de recrutamento identificados permitiu, também, desenvolver ao longo da investigação uma reflexão mais alargada sobre os efeitos de alguns dos principais processos articulados de recomposição social e mudança cultural em Portugal -- entre os quais mereceram destaque a elevação dos níveis de escolaridade e qualificação, a reestruturação dos sectores de actividade, as mudanças na estrutura socioprofissional, a reconfiguração das relações de classe, os fluxos de mobilidade social -- sobre a composição social dos utilizadores da biblioteca. Numa formulação sintética, pode dizer-se que *os públicos culturais são plurais porque são plurais os processos sociais que determinam a sua constituição*.

4. Perfis de utilização e modos de relação com a biblioteca

No ponto anterior foi brevemente esboçada uma interpretação sociológica da composição social dos públicos da biblioteca, com o objectivo de fornecer elementos válidos de resposta às perguntas: Quem utiliza a biblioteca? Porquê?

Sabendo-se quem acede à biblioteca, as razões dessa frequência precisam, contudo, de elementos suplementares para serem correctamente interpretadas. Sendo a identificação das características sociodemográficas, socioeconómicas e socioeducacionais dos indivíduos, uma vez que permite localizar as suas coordenadas genéricas e os seus horizontes de possibilidade de acção, essencial para compreender comportamentos (Bourdieu, 1979), ela tem que ser articulada com outros níveis analíticos relevantes.

Considerando que dificilmente as relações que os indivíduos estabelecem com a biblioteca podem ser apreendidas sem introduzir na análise os efeitos provocados pelas características programáticas e institucionais desta última e pelos parâmetros de contexto estruturado de interacção que ela configura, as diversas modalidades de frequência e utilização descritas nas páginas seguintes são entendidas como resultado do encontro das disposições (cuja configuração está associada de forma provável a determinadas condições de existência estruturalmente determinadas) que os indivíduos transportam com o contexto onde elas se actualizam (ou não) de formas diversas (Velho, 1981, 1994; Costa, 1999; Lahire, 2003, 2004). Os diferentes modos de relação entre os indivíduos e a biblioteca, apenas uma dimensão de um sistema mais vasto de relações entre as pessoas e a informação, a educação e a cultura, surgem na confluência dessas posições, disposições, contextos e acções.



Tendo isto em conta, interessa expor brevemente algumas das principais reflexões feitas a propósito do segundo eixo do modelo analítico, agora enquadradas pelos perfis sociais que a operacionalização do primeiro eixo permitiu descobrir: modalidades de frequência, modalidades de utilização e avaliações feitas sobre a biblioteca são interpretadas na confluência das características sociais dos públicos e das propriedades contextuais da BMJS. A compreensão sociológica dos públicos obtém-se então por aproximações sucessivas às diversas maneiras como os indivíduos se apropriam do equipamento utilizando os espaços e os suportes, relacionando-se com os funcionários e com outros utilizadores, frequentando as actividades culturais, exprimindo necessidades e fazendo avaliações. Os perfis genéricos de utilização que semelhante análise deixa esboçar, articulados com os perfis sociais anteriormente delineados, apontam para um conjunto de complexos modos de relação entre os indivíduos e a biblioteca; este último ponto apresenta também uma *proposta tipológica qualitativa de caracterização desses modos de relação*. Tenta-se assim identificar, para lá da selectividade social relativa dos públicos -- onde assume particular destaque a sobrerrepresentação de jovens, estudantes, indivíduos muito escolarizados e muito qualificados em termos profissionais --, parâmetros de segmentação que permitam compreender de forma mais matizada as múltiplas utilizações que são protagonizadas e os vários sentidos que são construídos pelos indivíduos na biblioteca. Uma outra proposta de aferição da diversidade surge, nesta linha, sob a forma de uma outra *tipologia*, também qualitativa, *de modos de frequência*.

À semelhança do que foi dito no ponto anterior, uma análise dos públicos da BMJS auxiliada por um escrupulo analítico de exploração da selectividade e da diversidade que subjazem à sua constituição, agora aplicado às modalidades de utilização reconhecíveis na biblioteca, permitiu desencobrir traços mais fortes e múltiplas segmentações. Assim, para além da existência de perfis sociais plurais, pode com propriedade afirmar-se a existência de perfis plurais de utilização dos espaços, dos recursos e da informação que constituem o *lugar*, simbólica e relacionalmente estruturado, BMJS.

Os traços mais fortes de caracterização social referidos anteriormente, determinados por processos múltiplos de selectividade e sobrerrepresentação -- juventude, escolarização prolongada, qualificação profissional -- reflectem-se nalgumas feições mais carregadas de utilização: visitas à biblioteca para utilização dos espaços e/ou dos fundos documentais -- nomeadamente livros -- para realização de trabalhos, para estudo ou para pesquisa rápida de informações. O duplo padrão de recrutamento classista dos públicos anteriormente enunciado tem influência nesta lógica destacada de apropriação instrumental da BMJS que deve, nessa linha, ser compreendida em parte como ponto de acesso ao capital cultural objectivado e também, alargando um pouco o âmbito da formulação, à informação num sentido mais lato, através da facilitação que é feita de suportes técnicos como sejam computadores e equipamentos audiovisuais. A acção da biblioteca e dos seus agentes institucionais contribui igualmente, num certo sentido, para o destaque das funções instrumentais, nomeadamente pela forma como são traduzidas as missões amplas da RNBP em serviços, regras de funcionamento, organização dos espaços e investidos os vários suportes, o que conduz, por exemplo, à permanência de hierarquizações simbólicas subtis (e menos subtis) de suportes e de tipos de informação e à selecção de determinadas actividades culturais. Tudo isso contribui para que o encontro dos públicos com a biblioteca dê origem a um predomínio específico de traços. Factores externos à instituição, como o panorama genérico das bibliotecas escolares, os fracos índices de leitura e de frequência de bibliotecas da população portuguesa, o aumento recente dos níveis médios de escolaridade, entre outros, contribuem ainda para explicar práticas e representações que associam tendencialmente a biblioteca aos universos escolásticos.

Mas as aproximações analíticas mais pronunciadas que levei a cabo no decorrer da investigação a propósito das modalidades de frequência e utilização da BMJS, particularmente quando à informação recolhida pelo questionário foram acrescentados enunciados observacionais derivados da componente mais intensiva de pesquisa, permitiram destacar segmentações complexas e muitas vezes entrelaçadas, que encontram, sem dúvida, parte da sua explicação na natureza simultaneamente plural, flexível, aberta e negociável da biblioteca como símbolo e como espaço.



Desde logo porque a própria modalidade instrumental de utilização não pode ser encarada como homogénea; ela é assumida por cada indivíduo de maneira mais ou menos articulada com outras formas de utilizar e de agir e com outros sentidos de *leitura* da biblioteca e das suas dimensões de funcionamento. Mas muitas outras modalidades, minoritárias embora, foram reconhecidas e fazem parte integrante das relações estabelecidas entre a biblioteca e os seus públicos.

Será por isso útil em termos analíticos propor uma *tipologia qualitativa*, sugerida pelos dados do inquérito e por outros de natureza intensiva: pode referir-se a existência de cinco *modos de relação com a biblioteca* -- adaptando a formulação de Costa et al. (2002, 2004) -- que intentam designar de maneira ideal-típica, e portanto sintética e agregada, diferentes feixes de práticas que acontecem no espaço da BMJS: o *instrumental*, o *cultivado*, o *autodidacta*, o *lúdico* e o *convivial*.

Esta tipologia tem como objectivo servir de mapa genérico útil para uma compreensão abrangente dos principais *sentidos* que a biblioteca assume para os seus utilizadores; cada um desses modos de relação pode por isso ser encarado como uma associação tendencial de representações, práticas e hábitos de utilização. Ela é simultaneamente um ponto de chegada do trabalho e uma pista de investigação, resumindo os resultados empíricos obtidos e problematizando-os ao mesmo tempo, apontando para a necessidade de proceder a novos questionamentos e de mobilizar outros métodos de abordagem aos públicos da biblioteca.

Ela serve também como instrumento de ruptura contra uma determinada ideia que se tem vindo a afirmar segundo a qual as novas bibliotecas públicas seriam pouco mais que grandes e muito bem equipadas bibliotecas escolares, “colonizadas” por estudantes. Estamos antes em presença de uma realidade complexa e multidimensional: a biblioteca municipal de Loures configura-se como um espaço dinâmico em termos físicos e simbólicos, onde se intersectam sentidos e expectativas diversos, onde se estabelecem relações densas e negociadas, onde as sociabilidades, a cultura, a educação e o conhecimento acontecem quotidianamente. Isto mesmo pode ser dito a propósito de muitas bibliotecas da Rede, como demonstram outros estudos já referidos.

Pode-se tentar resumir aquilo que cada modo de relação tenta encapsular em termos de práticas, representações e sentidos; eles podem também ser articulados com uma outra tipologia de modos de frequência³ de maneira a alargar as potencialidades cognitivas de ambas as posturas.

O modo *instrumental* é actualmente o predominante na BMJS e, estou em crer em face dos resultados de outras investigações, também em grande parte dos pólos da RNBP. Ele enquadra-se nalgumas imagens mais clássicas e escolásticas das bibliotecas como locais de estudo e erudição, propícios à concentração e à introspecção, associadas a uma apropriação regrada e controlada dos espaços e dos suportes, minimizando os ruídos e disciplinando os corpos. Os livros são ainda os suportes privilegiados no âmbito de necessidades escolares, profissionais ou outras de natureza homóloga. Os estudantes (e os trabalhadores-estudantes) do ensino secundário e do ensino superior são os protagonistas principais deste modo de relação, onde é possível reconhecer lógicas e estratégias de reprodução, reconversão e aquisição de capitais culturais, mas as categorias profissionais mais qualificadas -- profissionais técnicos e científicos e profissionais liberais -- também o adoptam. Tem igualmente a ver com este modo de utilização um conceito mais recente de biblioteca como intermediária no acesso à informação prática e instrumental independentemente dos suportes, seja através da facultação do impresso -- livros, revistas e jornais -- seja pela disponibilização de serviços de internet.

O modo *cultivado* associa-se primacialmente à imagem da *Biblioteca* e do *Livro*, sendo apesar de tudo minoritário na BMJS e protagonizado por indivíduos com elevados níveis de escolarização e relações fortes e quotidianas com a leitura e a escrita. Nesta acepção, ela é encarada como lugar privilegiado de contacto desinteressado com o suporte documental mais legítimo e mais distinto, de acesso “às grandes obras da humanidade”, de guardião do saber e da cultura. É uma outra vertente das imagens habitualmente mais associadas às bibliotecas e comparte com o modo instrumental um conjunto de sentidos de apropriação correcta do espaço e de hierarquização dos suportes, com o livro no topo das prioridades. Também



encontra o seu lugar no conjunto de concepções que os agentes institucionais têm dos seus papéis e das missões da biblioteca. Embora com alguns pontos de contacto com o modo *convivial*, algumas das actividades culturais que ocorrem na biblioteca como os Cafés Literários e as Comunidades de Leitores podem ser inseridas neste modo de relação cultivado: o livro e as leituras, particularmente nas suas encarnações mais legítimas, dominam os procedimentos.

O modo *autodidacta* aproxima-se em parte do *cultivado*, mas adquire sentidos algo diferentes na medida em que é protagonizado por indivíduos geralmente mais velhos, menos escolarizados e que, por vezes, têm relações muito intensas com a biblioteca, em termos de regularidade de utilização. Servindo bastas vezes para satisfazer apetências culturais que não estão reforçadas por competências adquiridas no quadro da escola ou da família, a biblioteca é encarada de forma ora “sagrada”, denunciando um reconhecimento da legitimidade de uma cultura cultivada que não pôde ser incorporada, ora mais dessacralizada, com os indivíduos que a ela recorrem a protagonizarem modalidades ou exclusivistas com o livro, no primeiro caso, ou omnívoras, no segundo, de utilização dos serviços e suportes: livros, jornais e revistas, mas também cd’s e a internet, esta última muitas vezes em processo de aprendizagem auxiliado pelos funcionários. Muitos dos auto-didactas são os “incondicionais” da BMJS e encontram aqui alguma consecução os propósitos de apoio à auto-formação e formação ao longo da vida perfilhados pela RBNP.

Os dois outros modos de relação inserem-se principalmente no quadro de algumas missões e dimensões de funcionamento emergentes nas bibliotecas públicas: sendo ainda minoritários em termos dos sentidos que são atribuídos (e declarados) à BMJS, já detêm grande protagonismo no quotidiano da instituição.

No *lúdico*, nem o livro nem sequer o impresso ocupam, forçosamente, lugar de destaque nas práticas de apropriação levadas a cabo pelos utilizadores, sendo muitas vezes esses suportes clássicos no espaço biblioteca preteridos em favor de outros como os cd’s, os vídeos e a internet. As modalidades híbridas e complementares de consumo são as mais frequentes e enquadram-se em dinâmicas sociais de reestruturação de legitimidades e hierarquias culturais que a biblioteca também protagoniza ao dar lugar crescente -- físico e simbólico -- ao audiovisual e ao digital. Não são apenas os jovens que estabelecem este modo de relação, embora eles assumam, claramente, lugar de destaque: outros grupos, incluindo de meios mais desfavorecidos, recorrem à biblioteca para acederem a consumos e bens variados, recorrendo variavelmente aos suportes impressos e não-impressos. Certas actividades culturais como as animações de livros destinadas às famílias, ao definirem-se simultaneamente na base da experiência lúdica e da propiciação de interacções, inserem-se neste e no seguinte modo de relação, o *convivial*.

Neste último, a biblioteca aparece como palco privilegiado de sociabilidades, mesmo quando os motivos de visita que são declarados apareçam atribuídos a outras modalidades de utilização. Os parâmetros mais clássicos de apropriação do espaço são rompidos em prol do ruído, do movimento e da expressividade. Os jovens, principalmente, encontram na biblioteca um local onde múltiplas dimensões relevantes dos seus quotidianos e identidades podem ser articuladas e trabalhadas em interacção: os amigos e os namorados, a família, a escola, o lazer. Sem dúvida que, para muitos deles, a biblioteca se apresenta como um sítio onde o estudo se casa com o ócio e com as sociabilidades, um palco onde as culturas escolares e as culturas juvenis se intersectam.

Sendo emergente, e articulando-se de forma variada com outros modos de relação, o *convivial* integra-se de maneira ainda desconfortável e problemática com modalidades mais clássicas de representação e uso dos recursos e serviços da biblioteca.

Se os perfis sociais dos públicos devem ser encarados como *plurais*, e as modalidades de frequência como eminentemente *flutuantes*, os modos de relação entre os indivíduos e a biblioteca são, essencialmente, *sincreticos*. Esta tipologia procura, com todos os riscos de simplificação excessiva associados a este tipo de procedimentos, identificar alguns dos elementos principais que compõem esse sincretismo, amplificando-os e, por isso, tornando-os mais visíveis e passíveis de interpretação. Obviamente, a realidade empírica que ela tenta retratar de forma plausível é consideravelmente mais complexa: os vários modos de relação identificados cruzam-se nos vários públicos da biblioteca e também dentro dos indivíduos que os



constituem. As modalidades de apropriação instrumental da BMJS acontecem entrelaçadas com as lúdicas, assim como o modo de relação cultivado faz-se, por vezes, em articulação com o convivial; o autodidacta confunde-se com o lúdico e o cultivado com o instrumental. Pode afirmar-se, nesta linha, que os indivíduos que frequentam as bibliotecas municipais já não são leitores, ou já não são só ou sequer principalmente isso, mas sim públicos, e não apenas de cada biblioteca como instituição cultural mas também do saber e do conhecimento a que elas permitem aceder.

5. Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre (1979), *La Distinction: Critique Sociale du Jugement*, Paris, Minuit.

BOURDIEU, Pierre (1998 [1997]), *Meditações Pascalianas*, Oeiras, Celta.

BOURDIEU, Pierre (2002 [1972]), *Esboço de Uma Teoria da Prática: Precedido de Três Estudos de Etnologia Cabila*, Oeiras, Celta.

COSTA, António Firmino da (1984), "Alfama: Entreposto de mobilidade social", *Cadernos de Ciências Sociais*, 2, pp. 3-35.

COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta.

COSTA, António Firmino da (2004), "Dos públicos da cultura aos modos de relação com a cultura: Algumas questões teóricas e metodológicas para uma agenda de investigação", em AA. VV., *Públicos da Cultura*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais, pp. 121-140.

COSTA, António Firmino da, Patrícia Ávila, e Sandra Mateus (2002), *Públicos da Ciência em Portugal*, Lisboa, Gradiva.

GOMES, Rui Telmo, Vanda Lourenço, e João Gaspar Neves (2000), *Públicos do Festival de Almada*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

LAHIRE, Bernard (2002), *Portraits Sociologiques: Dispositions et Variations Individuelles*, Paris, Nathan.

LAHIRE, Bernard (2003 [1998]), *O Homem Plural: As Molas da Acção*, Lisboa, Instituto Piaget.

LAHIRE, Bernard (2004), *La Culture des Individus: Dissonances Culturelles et Distinction de Soi*, Paris, La Découverte.

LAHIRE, Bernard (2005), "Patrimónios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, pp. 11-42.

MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta.

MACHADO, Fernando Luís, e António Firmino da Costa (1998), "Processos de uma modernidade inacabada", em José Manuel Leite Viegas e António Firmino da Costa (orgs.), *Portugal, que Modernidade?*, Oeiras, Celta, pp. 17-44.

MACHADO, Fernando Luís, António Firmino da Costa, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, José Luís Casanova, e João Ferreira de Almeida (2003), "Classes sociais e estudantes universitários: Origens, oportunidades e orientações", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 66, pp. 45-80.

RODRIGUES, Eduardo Alexandre (2007), "A biblioteca e os seus públicos: uma proposta interpretativa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, 53, pp. 135-157.



SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (2001), *Públicos do Teatro S. João*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima dos (coord.) (2002), *Públicos do Porto 2001*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

VELHO, Gilberto (1981), *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

VELHO, Gilberto (1994), *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

VENTURA, João J. B. (2002), *Bibliotecas e Esfera Pública*, Oeiras, Celta.

¹ A investigação que está na origem deste trabalho decorreu na Biblioteca Municipal José Saramago (BMJS), em Loures. A permanência quotidiana e prolongada no terreno, que foi possível aí concretizar durante vários meses, permitiu que o contacto com todo o tipo de contextos e situações que compõem a tessitura do dia-a-dia da instituição trouxesse contributos importantes, em termos de elementos empíricos recolhidos, para a reflexão sobre a constituição interna da biblioteca e os seus modos de funcionamento e também acerca das relações que com ela estabelecem os seus utilizadores e dos sentidos que a propósito dela vão sendo construídos e negociados. Foi também aplicado um inquérito por questionário aos utilizadores da biblioteca, foram realizadas entrevistas e multiplicadas as conversas informais com os funcionários e frequentadores da biblioteca.

² Uma versão mais desenvolvida deste texto pode ser encontrada em Rodrigues (2007).

³ E que inclui os seguintes grupos ideal-típicos: incondicionais, fidelizados, assíduos, regulares, ocasionais, estreates.